

Bancos americanos não acompanham decisão do Citicorp

20 MAI 1987

JOSÉ MEIRELLES
PASSOS
Correspondente

OS PEQUENOS CREDORES NOS EUA

Banco	Empréstimo (US\$)	Bens	Equivalência ao capital primário
First Bank System	189 milhões	0,7%	9%
First Pensylvania Corp.....	153 milhões	2,6%	37%
Southeast Banking Corp.....	133 milhões	1,1%	15%
Mercantile Bancorp.....	99 milhões	1,5%	19%
NCNB Corp.....	97 milhões	0,4%	6%
Nothern Trust Corp	89 milhões	1%	16%

WASHINGTON

A maior parte dos bancos regionais americanos não está disposta a seguir o exemplo do Citicorp. Pelo contrário: em vez de aumentar suas reservas para cobrir os prejuízos da dívida não paga e, assim, endurecer sua posição no momento da renegociação, esses estabelecimentos já começam a preparar uma saída de emergência — ainda que isso signifique novas perdas para elas.

Vários bancos estão percorrendo o mercado em busca de investidores interessados em comprar as notas promissórias que possuem da dívida brasileira. Sua maior preocupação, hoje, é passar esses papéis adiante, antes que a sua cotação venha a sofrer novas quedas.

O First Jersey National Corp, por

exemplo, que tem US\$ 1,6 milhão emprestados ao Brasil, já iniciou as negociações para vender a dívida brasileira a um banco de Londres. O melhor preço conseguido, até ontem, foi de 62 centavos por cada dólar que tem no Brasil.

A situação seria diferente se tivesse fechado o negócio no início da semana, o banco teria conseguido um preço melhor: a dívida brasileira valia, no mercado secundário, 64 centavos. No fim de fevereiro, quando o País declarou a suspensão do pagamento dos juros, cada dólar era vendido a 75 centavos.

— O Presidente de um dos maiores bancos dos Estados Unidos nos pediu, há pouco tempo, que separássemos mais um pouco de dinheiro para aplicar na América Latina, mas eu

disse a ele que nós, na verdade, preferíamos até esquecer a velha dívida, apagá-la de nossos livros. Agora, decidimos passá-la adiante, contou Richard Hazen, Presidente do First Jersey National.

Segundo ele, vários de seus colegas estão raciocinando da mesma forma. O Brasil e a América Latina, em geral, deverão ser esquecidos pelos pequenos bancos americanos.

— Pode ser que daqui a uns dez anos a gente venha a se arrepender do que está fazendo. Mas a verdade é que, agora, todo mundo está querendo pular desse barco. Estamos todos cansados desse processo, afirmou Hazen.

— Todos sabemos que, no final das contas, vamos ter de desembolsar mais dinheiro aos devedores, para que eles possam se recuperar e pagar o que nos devem. Mas, se houver

uma diminuição no número de emprestadores, nós vamos ter de bancar toda essa operação com um ônus ainda maior, disse ao GLOBO, ontem, o representante de um dos dez maiores bancos dos Estados Unidos.

Esses estabelecimentos detém, hoje, 65 por cento do débito latino-americano (no total de US\$ 79 bilhões), enquanto outros US\$ 14 bilhões são devidos aos 14 maiores bancos regionais, e mais US\$ 14 bilhões da dívida estão divididos entre 161 bancos pequenos.

— No fundo, os Citicorps e Chase Manhattans da vida querem continuar fazendo negócios com o Brasil, com o México, e a Argentina. Enquanto isso, os pequenos bancos, lá do Meio-Oeste querem voltar a dar mais atenção aos seus empréstimos domésticos, comentou o economista da Brookings Institution.

Uma fonte do Tesouro dos Estados Unidos disse que a atitude do Citicorp até agora só contribuiu para tumultuar as negociações da dívida externa.

— O GLOBO